Figura 2

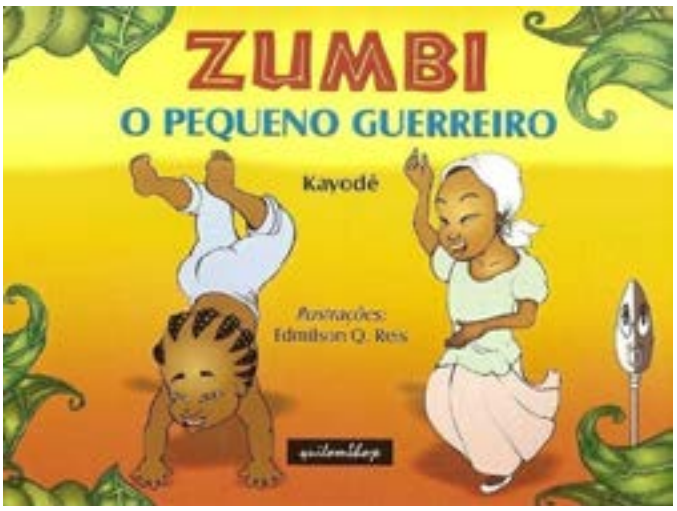


Imagem de Obra " Zumbi o Pequeno Guerreiro"

(Edmilson Quirino dos Reis)

REFLEXÕES SOBRE A ARTE NA ESCOLA

MARIA CONCEIÇÃO CAMILO SANTOS

Resumo:

Por meio do presente estudo, resultante de revisão bibliográfica, buscou-se levantar, ampliar e aprofundar conhecimentos sobre a arte no Brasil, especificamente a prática docente a ela relacionada. Muitas são as inquietações e dúvidas a respeito do ensino de arte, portanto, nesta pesquisa foram realizados esforços para elucidar questões, partindo de uma reflexão sobre o que é a arte, seu contexto histórico no Brasil. O papel e a importância que o tema desempenha na vida dos educandos foi explorado, para que se pudesse compreender melhor práticas de ensino e metodologias que orientem o trabalho do arte-educador de maneira significativa e enriquecedora.

Palavras-chave: Arte na escola. Ensino de Arte. Avaliação da Arte.

1. **INTRODUÇÃO**

A pesquisa objetiva ampliar e aprofundar conhecimentos sobre a prática do ensino de arte e justifica-se por ser este um aspecto que tornou-se um dos problemas para o arte-educador, o qual, por ter que cumprir com os compromissos e conteúdos curriculares, muitas vezes deixa de elaborar oportunidades de aprendizagem significativas ao educando, afasta-se do objetivo maior do ensino da arte na escola, que é formar cidadãos sensíveis as manifestações artísticas e culturais, que favoreçam o desenvolvimento do processo educativo, consentindo crescimento gradativo e continuo do educando.

Para o alcance dos objetivos e desenvolvimento da pesquisa, far-se-á uso de revisão bibliográfica, de caráter qualitativo, estabelecendo o debate entre autores que abordam temas pertinentes ao estudo. Serão, para isso, utilizados livros, periódicos e artigos científicos e textos oficiais. Por meio dos procedimentos apresentados, espera-se alcançar dados e informações que possibilitem um conhecimento mais aprofundado sobre o tema em tela, para que a reflexão e a discussão propostas sejam viabilizadas.

2. POSSIBILIDADES DE CONCEITUAÇÃO DA ARTE

As definições de arte têm sido bastante discutidas nos mais variados âmbitos, inclusive naqueles em que o senso comum prevalece. A definição de arte tem e

realmente pode ter diversas formas, como aponta o filósofo tcheco Karel Kosik sobre a arte em seu livro Dialética do concreto:

Na grande arte, realidade se revela ao homem. A arte no sentido próprio da palavra, é ao mesmo tempo desmistificadora e revolucionária, pois conduz o homem desde as representações e os preconceitos sobre a realidade, até a própria realidade e a sua verdade. Na arte autêntica e na arte filosófica revela-se a verdade da história: aqui a humanidade se defronta com a sua própria realidade [...] A obra de arte exprime o mundo enquanto o cria. Cria o mundo enquanto revela a verdade da realidade, enquanto a realidade se exprime na obra de arte. Na obra de arte a realidade fala ao homem (KOSIK, 1995 p. 117, 118).

A obra de arte tem algumas características que são inegáveis, como por exemplo o de sensibilizar o outro, nos mostrar uma realidade e nos fazer pensar. Será tudo isso verdade? Ou será que a arte é muito mais que isso? Para a maioria das pessoas a Arte está intimamente ligada ao belo, mas nesse ponto também é possível observar que o que é belo para uns não o é para outros, e então como chegar a uma conclusão?

Gombrich (2000), em seu livro História da Arte nos diz que, aquilo que é chamado de arte é uma coisa que não existe, e o que existe é a pessoa que faz arte, ou seja, o artista não importando se ele é o homem das cavernas ou o jovem que compra spray para fazer um desenho num muro.

A arte está relacionada ao tempo em que se está vivendo, assim fala também do gosto para essa ou aquela obra de arte de achar uma pintura bonita, pois o lembra de algo que marcou sua vida positivamente. Porém ao nos dizer das razões que nos levam a não gostar de algo na arte nos adverte:

Somente quando alguma recordação irrelevante nos torna parciais e preconceituosos, quando instintivamente voltamos as costas a um quadro magnífico de uma cena alpina porque não gostamos de praticar o alpinismo, é que devemos perscrutar o nosso íntimo para desvendar as razões da aversão que estraga um prazer que de outro modo poderíamos ter. Há razões erradas para não se gostar de uma obra de arte (GOMBRICH, 2000, p. 01).

O que ocorre é que muitas vezes o observador de uma obra de arte apenas quer ver uma pintura “bem feita”, ou seja, muito próxima do real e assim diz que isso sim é arte, saber copiar nos mostra a natureza com rigor e perfeição. Porém, cabe questionar: só o que se copia da natureza tem valor? Pode uma obra de arte ir além do que mostrar o que vemos somente?

A figura “Uma galinha com pintos”, mostra uma estampa de uma História Natural ilustrada pelo famoso pioneiro do movimento modernista. Picasso. Por certo ninguém poderá encontrar defeitos nessa encantadora representação de uma galinha com seus fofos pintinhos. Mas, ao desenhar um frango “Galo novo”. Picasso não se contentou em fazer a mera reprodução da aparência física da ave. Quis expressar a sua agressividade, sua insolência e estupidez. Por outras palavras, recorreu à caricatura. Mas que caricatura

convincente ele criou! Existem duas coisas, portanto, que nós devemos perguntar sempre se acharmos falhas na exatidão de um quadro. Uma é se o artista não teria suas razões para mudar a aparência daquilo que viu. Voltaremos a tratar dessas razões a medida que se desenrolar a história da arte. A outra é que nunca deveríamos condenar uma obra por estar incorretamente desenhada, a menos que tenhamos a profunda convicção de estarmos certos e o pintor errado (GOMBRICH, 2000. p. 08).

Considerando essa conversa com Gombrich, é possível notar que definir arte e definir também o que é belo, ou bem feito torna-se tarefa difícil de ser concluída sem um estudo mais aprofundado.

É importante lembrar aqui que a arte está intimamente ligada ao contexto histórico e ao local onde ela está sendo produzida. Cada lugar tem uma cultura diferente e, é claro, também terá uma arte diferente, pois é necessário que a arte tenha significado para aquele povo, assim, torna-se complicada uma definição única para arte. No livro "Arte é o que eu e você chamamos arte", Frederico Morais (1988) nos mostra 801 definições para arte. Entre tais possibilidades, o autor admite não saber o que é arte mesmo com tantas definições. Se pensamos na arte como no sentido da filosofia, as coisas também não ficam mais fáceis, vários filósofos falaram de arte e de beleza, pois o belo sempre encantou o homem desde os primórdios de nossa existência.

São vários os filósofos que falam sobre a arte e sua importância, para uns a arte tem papel formativo e educador, para outros como Kant, a arte tem a função de produzir o sentimento do sublime, ainda num contexto mais recente, se a arte é engajada e ajuda o ser humano a tornar-se um ser crítico e político (CHAUÍ, 2000, p. 321).

Por que e para que se estuda arte? Numa fala mais superficial poderíamos dizer que se deve estudar arte para que conheçamos a produção artística da humanidade desde o homem das cavernas até os dias de hoje.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de arte, estudamos essa disciplina, pois a mesma desenvolve o pensamento artístico e estético, através da arte se pode também acrescentar ao indivíduo sensibilidade, percepção e imaginação. Isso pode ocorrer tanto quando o aluno realiza uma atividade artística, como quando vê um colega que produz ou aprecia uma obra de arte já consagrada.

A área da arte também faz com que o aluno se relacione com outras disciplinas de modo que sempre que consegue solucionar um problema em arte, também está melhorando sua capacidade de solucionar um problema matemático, por exemplo.

Duas questões são bastante importantes no estudo da arte. É nesse campo de estudo que o aluno pode entrar em contato com outras culturas, assim pode comparar o seu modo de vida com o de outros e então passar a respeitar o que é diferente do que lhe é próprio. Também é capaz de compreender melhor sua realidade cotidiana e assim melhorar sua qualidade de vida.

O estudo da arte é importante,

também, no campo profissional onde os conhecimentos em arte (sejam eles dos elementos formais como a cor, por exemplo, sejam eles do conhecimento da história da arte) como na arquitetura ou no design, além das profissões que são essencialmente artísticas, como o ator ou o bailarino.

A arte tem como personagens principais a criação e o processo criador. Pensando na importância do ensino da arte e dessa como facilitadora no processo de humanização podemos citar Barroco e Chaves (2010, p.128) onde afirmam que:

A arte expressa e movimenta o desenvolvimento do homem que a cria e, com ela, estabelece alguma relação. Por isso, é possível olharmos para a arte renascentista, por exemplo, e inferir o que era essencial à sociedade que a gerou e o estágio de desenvolvimento alcançado por aqueles homens que viveram na aurora da modernidade [...] então podemos dizer que a Arte é uma criação humana; ela pode levar a assinatura de um autor ou artista, mas trata-se de uma produção eminentemente social (BARROCO; CHAVES, 2010, p.128).

Além de levar o indivíduo a conhecer outras sociedades e outros pensares diferentes ou talvez parecidos com o seu, a Arte possibilita ao aluno refletir o significado e a importância das mais diversas manifestações culturais sejam elas de artes visuais, dança, música ou teatro. Por meio da arte todos os sentidos são solicitados e o aluno pode, numa dimensão mais poética, transformar continuamente sua existência. Por meio da arte o aluno pode fazer ligações com outras disciplinas, conhecer melhor os períodos históricos, por exemplo, e como essa ou aquela sociedade podiam ser representadas de acordo com o mesmo período. Nesse sentido, BARROCO (2007) nos fala também sobre essas conexões:

Com a realidade, com outras áreas do conhecimento e até com as próprias emoções que a experiência estética pode suscitar para se lidar com os indivíduos reais. Essas conexões podem garantir novas formas de "sentir" o homem e o mundo e de com eles "interagir". No intento de buscá-las, torna-se essencial a articulação com "outros saberes" e a abordagem de aspectos que envolvem a psicologia, a Educação que se processa anterior as escolas e a Arte enquanto produção humana que informa sobre o produtor, ao mesmo tempo que o forma (BARROCO, 2007, p. 189).

O desenvolvimento da criatividade é inegável, porém a humanização do aluno em sala de aula é tão importante quanto a criatividade ou a facilidade para resolver problemas.

3. REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE ARTE

Os temas abordados nas aulas de arte devem ser de interesse e coerentes à realidade do aluno, contextualizando o conhecimento e aproximando a teoria da prática, pois se articulam entre si. A cultura e a história que o aluno traz é ponto de partida para a construção de conhecimentos e, assim como o contato com novas informações, são elementos que contribuem para o desenvolvimento dos sujeitos. Nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Arte, (1997, p.14) propõe-se:

Os conteúdos disciplinares devem ser tratados, na escola, de modo contextualizado, estabelecendo-se, entre eles, relações interdisciplinares e colocando sob suspeita tanto a rigidez com que tradicionalmente se apresentam, quanto ao estatuto de verdade atemporal dado a eles. Desta perspectiva, propõe-se que tais conhecimentos contribuam para a critica às contradições sociais, políticas e econômicos presentes nas estruturas da sociedade contemporânea e propicie compreender a produção científica, a reflexão filosófica, a criação artística, nos contextos em que ela se constitui.

De acordo com Gasparin (2007, p. 29),

As necessidades técnico-científico-sociais é que definem os conteúdos que devem ser ensinados e aprendidos. A equipe pedagógica e o corpo docente de cada instituição, seguindo as orientações dos órgãos competentes, é que selecionarão os conteúdos que contribuirão para formação de cidadãos conscientes, críticos, participativos. Esses conhecimentos devem ligar-se às necessidades dos alunos e à realidade sociocultural como um todo.

O professor do ensino da arte, ao proporcionar aprendizagem através de experiências significativas, que estejam de acordo com a realidade sociocultural e econômica, aproxima a teoria da prática e fortalece as articulações de conhecimento que são importantes para inserção do sujeito como cidadão transformador na sociedade, pois todas as informações que recebemos, tudo que vemos, ouvimos e aprendemos, gradativamente se organizam mentalmente, se constrói conceitos, estabelecendo uma ponte para a assimilações de conteúdos.

Desenvolver ações reais e efetivas não significa somente realizar atividades que envolvam um fazer predominantemente material, como plantar uma árvore, fechar uma torneira, assistir a um filme etc. Uma ação concreta, a partir do momento em que o educando atingiu o nível do concreto pensado, é também todo o processo mental que possibilita análise e compreensão mais amplas e críticas da realidade, determinando uma nova maneira de pensar, de entender e julgar os fatos, as ideias. É uma nova ação mental (GASPARIN, 2007 p.146).

Cabe neste momento esclarecer um constante equívoco entre professores e equipe pedagógica no planejamento das aulas de arte, em relação às escolhas dos conteúdos. O professor ao perceber uma distância relevante entre a teoria e prática, muitas vezes deixa de apresentar o conteúdo que faz parte do currículo escolar, não permitindo o acesso do aluno a uma nova informação. É importante que o professor tenha consciência do compromisso de oferecer uma educação democrática, “precisa atender igualmente aos sujeitos, seja qual for sua condição social e econômica, seu pertencimento étnico e cultural” (DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA - ARTE, 1997, p.15).

A importância de tais aspectos deve ser foco do trabalho e precisam ser desenvolvidos pelo arte-educador, de acordo com as possibilidades de cada ambiente escolar, o fato do conteúdo estar distante das expectativas dos alunos, não significa

que deve ser eliminado e sim contextualizado.

Para Gasparin (2007, p.17),

A assimilação das características fundamentais de conceito é muito mais fácil para a criança quando os traços definidores desse conceito se apresentam com as imagens visuais correspondentes. Quando isso não ocorre, isto é, quando as imagens visuais não coincidem com o conteúdo do conceito ou estão em contradição com ele, a tarefa torna-se muito mais difícil para o educando.

Conforme Read (1970), a arte desenvolve um grande papel no processo educativo do aluno por constituir um meio ideal para possibilitar o desenvolvimento integral da criança, uma vez que a arte estabelece uma articulação entre o saber, o sentir e o fazer. A Lei Rouanet (1987, p.137) aponta que

O ideal democrático é a universalidade, o que significa criar condições para que todos tenham acesso ao saber e a arte, e não a segregação, que exclui grande parcela da população do direito de usar um código mais rico, que lhes permitiria estruturar cognitivamente sua prática, com vistas a transformá-la.

Baseando-se na Pedagogia Crítico Social dos conteúdos de Libâneo (2006), a escola deve permitir que os aprendizes tenham acesso aos conhecimentos monopolizados pelos dominantes e os utilizem como informações estruturantes não só para compreender a sociedade, mas também para transformá-la.

A pedagogia histórico-crítica defende o estabelecimento de um currículo básico comum, cuja adequação às especificidades compete ao trabalho didático, em que o professor faz a mediação entre o aluno e o conteúdo a ser conhecido, usa o bom senso para decidir qual a melhor forma ou metodologia que deve ser desenvolvida aproximando a teoria da prática a fim de alcançar os objetivos de ensino aprendizagem. De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Arte (1997, p. 72):

Trabalhar com as artes visuais sob uma perspectiva histórica e crítica reafirma a discussão sobre essa área como processo intelectual e sensível que permite um olhar sobre a realidade humano-social, e as possibilidades de transformação desta realidade.

Conforme Gasparin (2007) existem cinco passos pedagógicos para o acesso ao conhecimento: Prática Social Inicial do conteúdo; Problematização; Instrumentalização; Catarse e Prática social final do conteúdo. O primeiro passo do método caracteriza-se por uma preparação, uma mobilização do aluno para a construção do conhecimento escolar. É uma primeira leitura da realidade, um contato inicial com o tema a ser estudado. [...] Uma das formas para motivar os alunos é conhecer sua prática social imediata a respeito do conteúdo curricular proposto (GASPARIN, 2007, p.14) e continua esclarecendo sobre a necessidade do professor se organizar em busca de informações quanto aos conhecimentos de seus alunos:

O interesse do professor por aquilo que os alunos já conhecem é uma ocupação prévia sobre o tema que será desenvolvido. É um cuidado preliminar que visa saber quais as “pré-ocupações” que estão nas mentes e nos sentimentos dos escola-

res. Isso possibilita ao professor desenvolver um trabalho pedagógico mais adequado, a fim de que os educadores, nas fases posteriores do processo, apropriem-se de um conhecimento significativo para suas vidas (GASPARIN, 2007, p.15).

Na Prática Social Inicial, se estabelece um primeiro contato entre o educando e o conteúdo a ser trabalhado. Neste momento, o professor observa a reação, o envolvimento e as informações que seus alunos possuem do conteúdo apresentado. Para Gasparin (2007, p.21),

Prática Social Inicial, primeiro momento do trabalho pedagógico, consiste em ver a realidade e tomar consciência de como ela se coloca no seu todo em suas relações com o conteúdo que será desenvolvido no processo. O segundo passo consiste no questionamento dessa realidade e também do conteúdo A Prática Social Inicial é sempre uma contextualização do conteúdo. É um momento de conscientização do que ocorre na sociedade em relação àquele tópico a ser trabalhado, evidenciando que qualquer assunto a ser desenvolvido em sala de aula já está presente na prática social, como parte constitutiva dela.

Este contato é primordial para se estruturar uma aula em qualquer área de conhecimento. A arte implica em uma linguagem dinâmica, apesar de seus conhecimentos também serem teóricos, as possibilidades de expressão e interpretação do conhecimento favorece a comunicação dos mesmos. Referindo-se à importância de o educador conhecer o que os alunos pensam, sabem e sentem sobre o objeto do conhecimento, Vasconcellos (1993) apud Gasparin (2007):

Conhecer a realidade dos educando implica em fazer um mapeamento, um levantamento das representações do conhecimento dos alunos sobre o tema de estudo. A mobilização é o momento de solicitar a visão/concepção que os alunos têm a respeito do objeto (senso comum, ”síncrese”).

Para Gasparin (2007), a síncrese só acontece no momento em que o aluno tem acesso ao conteúdo que o professor vai trabalhar posteriormente, mesmo quando o aluno já tem uma breve noção.

A visão dos alunos é sincrética porque, apesar dos conhecimentos que possuem sobre o assunto, a partir do cotidiano, ainda não realizaram, no ponto de partida, a relação da experiência pedagógica com a prática social mais ampla de que participam. Este passo, para o educando, consiste no primeiro contato que mantém com o conteúdo sistematizado que será trabalhado posteriormente pelo professor. É a manifestação das concepções que possui a respeito do tema em questão (GASPARIN, 2007, p.17).

A próxima etapa, conforme Gasparin (2007), é a problematização, na qual o professor elabora e promove discussões sobre questões inerentes do conteúdo, tais como: Onde você joga o seu lixo? Você sabe para onde o seu lixo será levado? Você separa o lixo na sua casa? Entre outras. De acordo com Gasparin (2007, p.33-34),

A problematização é um elemento-chave na transição entre a prática e a teoria, isto é, entre fazer cotidiano e a cultura elaborada. É o momento em que se inicia o trabalho com o conteúdo sistematizado.

A problematização tem como finalidade selecionar as principais interrogações levantadas na prática social a respeito de determinado conteúdo. Essas questões, em consonância com os objetivos de ensino, orientam todo o trabalho a ser desenvolvido pelo professor e pelos alunos.

Nesta contextualização, o professor deve oportunizar o maior número de questões problematizadoras possíveis, a fim de articular informações das outras áreas de conhecimento: Filosofia, Economia, História, Literatura, entre outras, com o conhecimento da área de Arte.

Este momento desperta profundo interesse pelo conteúdo que esta sendo trabalhado, explorando novos caminhos que, através das manifestações espontâneas do aprendiz, o professor tem maiores condições de perceber e encaminhar, significativamente, atividades relacionadas ao contexto escolar. “Consiste no levantamento sobre a vivência prática, cotidiana dos educandos em relação ao conteúdo a ser ministrado” (GASPARIN, 2007, p. 22). Considerando as possibilidades de crescimento, ao expressar o interesse pelo assunto ministrado, são apresentadas consequentemente suas concepções, sua opinião, seu interesse pelo desconhecido e suas próprias conclusões, que ao contato com o conteúdo sistematizado se constrói novos conceitos.

É a manifestação do estado de desenvolvimento dos educandos, ocasião em que são expressas as concepções, as vivenciais, as percepções, os conceitos, as formas próximas e remotas de existência do conteúdo em questão (GASPARIN, 2007, p.20).

E como poderíamos classificar os conteúdos? Para Gasparin, (2007, p.25),

O conteúdo é a seleção e a transposição didática, para a sala de aula, do conhecimento científico que deve ser apropriado pelos educandos. Apresenta-se, no currículo da escola e no programa de cada disciplina, como uma listagem de unidades, tópicos e subtópicos.

Não se pode ver os conteúdos curriculares como um fim em si mesmo, mas como uma base, um ponto de partida para a orientação e estruturação das ações pedagógicas, a fim de encaminhar metodologias para desenvolver habilidades e competências, é fundamental envolver os educandos na construção e evolução da aprendizagem.

Priorizar as necessidades e benefícios de um conteúdo a ser ministrado, seguindo as orientações dos órgãos responsáveis, pode influenciar positivamente na aprendizagem. Em arrimo, Gasparin (2007, p.34),

Levando-se em conta que as escolas trabalham com disciplinas definidas pelo currículo, e que o conteúdo de cada uma delas é sempre previamente estabelecida e aprovada pelo corpo docente e pelos órgãos competentes, antes do início das aulas, torna-se difícil, para não dizer impraticável, estabelecer primeiramente quais questões sociais serão estudadas e, em função delas, quais os conteúdos mais significativos que serão traçados como resposta.

Instrumentalização não é senão o momento em que o educando vai se apropriar de instrumentos culturais e científicos necessários para transformar,

melhorar, enfim, modificar aqueles conhecimentos espontâneos mostrados na prática social inicial.

Na instrumentalização, o professor coloca-se como mediador entre o aluno e o conhecimento científico apresentado, proporcionando experiências que envolvam o conhecimento do cotidiano com o conhecimento científico. De acordo com os estudos de Gasparin (2007, p.51),

A Instrumentalização é o caminho pelo qual o conteúdo sistemático é posto à disposição dos alunos para qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional.

A Catarse é a nova forma de ver o conteúdo, ou seja, é uma síntese mental do aluno, ele transforma o conhecimento popular em conhecimento científico, apropriando-se de novos conceitos vindo de suas articulações de informações, "é a demonstração teórica do ponto de chegada, do nível superior que o aluno atingiu" (GASPARIN, 2007, p.127). Prática Social Final é o momento em que o aluno demonstra através de ações ou intenções que aquele conteúdo vivido, problematizado, teorizado e sintetizado mentalmente, agora é capaz de transformar a sua existência (Gasparin, 2007, p.15), ou seja, agregando novas informações e através do conhecimento adquirido, tem condições de agir transformando o meio em que vive. Todo este encaminhamento pedagógico sugerido, apesar de nos parecer complexo, embasa uma estruturação para as aulas de arte, dando sentido aos conteúdos e proporcionado resultados significativos. Encontrar maneiras atualizadas de intermediar todas estas informações presentes no cotidiano é um desafio e uma das maiores preocupações da escola e do arte-educador.

Nesta vertente, a escola deve estimular a prática pedagógica proporcionando diversidade nas metodologias de ensino aprendizagem e nos instrumentos avaliativos, aproximando a prática da teoria, apresentando sentido aos conteúdos teóricos e significados nas atividades práticas, permitindo aos estudantes envolvimento com esta área de conhecimento e ao professor reavaliar seus propósitos educativos e métodos de ensino.

4. AVALIAÇÃO DAS ARTES VISUAIS

A avaliação é sempre um processo contínuo que deverá envolver alunos e professores, pois todos compartilham um período de suas idas que é dedicado a ensinar e a aprender arte. A avaliação é sempre diagnóstica. Antes de se pensar uma situação de aprendizagem para determinado grupo de aprendizes, é fundamental ao professor conhecer seu repertório simbólico, o que seus alunos já conhecem sobre coreógrafo, estilista, gravador, arquiteto, ceramista, pintura, escultura etc.

Dessa forma, processos avaliativos estão presentes o tempo todo, sempre que o professor observa, ajuda, interfere, colabora, espera, instiga, se distancia, investiga, é cúmplice, ouve, questiona, desafia seus alunos. Se o grande alvo dessa área de conhecimento é que os aprendizes sejam competentes na produção, na leitura e no conhecimento histórico de textos sonoros, visuais e gestuais/corpo-

rais, fica evidente que a avaliação deverá caminhar nessa direção.

Por isso, torna-se fundamental que tanto o professor como os alunos saibam em que ponto se encontram, onde pretendem chegar e que organizem registros de seus percursos na construção desses saberes. Em arte, tanto os registros nos códigos verbais como desenhos, pinturas, gravações (em áudio ou audiovisuais), fotografias etc. são objetos fecundos para análise de quanto o aluno se apropriou da significação desses saberes, seus avanços e suas dificuldades e, ao mesmo tempo, apontam pistas para o professor rever sua prática, mudar caminhos, organizar intervenções. É importante refletir: quais seriam os instrumentos e os critérios de avaliação em uma avaliação no ensino das artes visuais?

O instrumento utilizado para a avaliação da aprendizagem escolar em artes visuais seja apenas um recurso para documentar as atividades, para obter informações à análise qualitativa e quantitativa na continuidade dos trabalhos escolares. Oliveira (2001) afirma que os objetivos de determinados instrumentos devem ser:

Para explorar o conteúdo de arte ensinado e o que deste conteúdo o aluno apreendeu? Para identificar as mudanças ocorridas no processo e verificar o entendimento do aluno sobre o assunto, antes e/ou após a realização do trabalho; para análise do conteúdo aprendido – quais as dificuldades encontradas pelos alunos? Para propor novos desafios, para detectar o que mais pode ser aprimorado, explorado ou reforçado pelo professor; para sua autoanálise, etc. (OLIVEIRA, 2001, p. 136).

Entre os diversos tipos de instrumentos, é possível citar: representações plásticas, testes, exercícios escritos e orais que registrem as experiências artísticas e estéticas, trabalhos de pesquisa, questionários e relatórios decorrentes de visitas a exposições ou a museus, roteiros de observação, roteiros de entrevista, seminários, fichas de avaliação, portfólios etc. O importante é que o instrumento seja simples, prático e diversificado, atentando sempre para o essencial.

A autoavaliação como instrumento avaliativo no ensino da arte é válida, uma vez que se autoavaliar não é mero exercício espontaneísta ou simplesmente oportunizar ao aluno atribuir-se uma nota, muito menos é se autovalorar.

A autoavaliação – nos expõe à reflexão quanto ao papel de cada um, professor e aluno, no percurso do ensinar e do aprender. Reforça as relações entre o aluno, seu trabalho e a comunicação de suas ideias

aos outros. Traz à tona a questão da crítica, o que implica sua aceitação no crescimento de todos e, consequentemente, a socialização (OLIVEIRA, 2001, p. 136).

O professor, no seu papel de interlocutor atento e consciente dos diferentes conhecimentos e estruturas de raciocínio dos alunos, adquire subsídios, percebendo, em diferentes momentos do processo de ensino-aprendizagem, de que forma o aluno internalizou os conceitos da arte e os valores trabalhados.

A compreensão de como o aluno construiu conhecimentos a partir da mediação do professor e o grupo como também a utilização de diversos procedimen-

tos, métodos, materiais e instrumentos garantem a identificação do resultado que se está construindo e poderá gerar mudanças no comportamento do aluno e na sua promoção.

Entender os dos conteúdos e como o aluno construiu conhecimentos a partir da mediação do professor, aluno e grupo, e da utilização de diversos procedimentos, métodos, materiais e instrumentos, garantindo a identificação do resultado que se está construindo, poderão ser vistos nas mudanças do comportamento do aluno, na sua promoção. "Isto possibilitará ao professor a organização ou reorganização das experiências de ensino e aprendizagem da arte, perseguindo o caminho que deverá seguir" (OLIVEIRA, 2001, p. 134).

A avaliação reflete a maneira de o educador pensa a educação, seus critérios de valores, seu posicionamento em face da função social e política da escola e do papel da arte na educação. É preciso, também, considerar que os alunos são aprendizes, pessoas que têm ideias, sonhos, projetos de vida. Para tanto, deve trabalhar no sentido ético da avaliação, respeitando a integridade, a dignidade e a privacidade dos alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, foram mobilizados conhecimentos a respeito das possíveis definições sobre o conceito de arte, além de importantes reflexões sobre o assunto.

Além de levar o indivíduo a conhecer outras sociedades e outros pensares diferentes ou talvez parecidos com o seu, a Arte possibilita ao aluno refletir o significado e a importância das mais diversas manifestações culturais sejam elas de artes visuais, dança, música ou teatro. Por meio da arte todos os sentidos são solicitados e o aluno pode, numa dimensão mais poética, transformar continuamente sua existência.

A partir de tais noções, foi possível realizar um aprofundamento sobre o ensino de arte, os desafios e inquietações que esta prática pode suscitar no cotidiano escolar.

São inúmeras as preocupações em relação ao ensino da arte. A falta de credibilidade na disciplina, a ausência de exemplares teóricos específicos da área que auxiliem o trabalho do professor e muitas vezes o despreparo profissional dificulta a organização de conteúdos adequados à realidade escolar, métodos e critérios avaliativos que proporcionem um aprendizado significativo. O professor arte-educador deve ter como objetivo de suas metodologias, proporcionar a proximidade da práxis educativa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROCO, S. M. S., CHAVES, M.; FAUSTINO, R. C. Intervenções pedagógicas na educação escolar indígena: Contribuições da Teoria Histórico Cultural. 2.Ed. Maringá: Eduem, 2010.

_____. Psicologia Educacional e Arte. Uma leitura histórico-cultural da figura humana. Maringá: Eduem, 2007.

BRASIL. Lei no 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases), de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996.